

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL

CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

Trabalho de Conclusão do Curso

MINA RODADA: o empoderamento feminino através do rebolado

Jackeline Karen Caldas Gabriel Simões

Rio de Janeiro, 2023

Jackeline Karen Caldas Gabriel Simões

MINA RODADA: o empoderamento feminino através do rebolado

Trabalho de Conclusão do Curso Apresentado como
Requisito Parcial à Obtenção do Grau de Bacharela
em Dança

Escola de Educação Física e Desportos

Centro de Ciências da Saúde

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Me. Alexandre Carvalho dos
Santos

Rio de Janeiro, 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

*O Trabalho de Conclusão do Curso: MINA RODADA:
o empoderamento feminino através do rebolado*

elaborado por: Jackeline Karen Caldas Gabriel Simões

*e aprovado pelo professor orientador e professoras
convidadas foram aceitas pela Escola de Educação Física e
Desportos como requisito parcial à obtenção do grau de:*

BACHARELA EM DANÇA

PROFESSORES:

Orientador: Prof. Me. Alexandre Carvalho dos Santos

 Documento assinado digitalmente
ALEXANDRE CARVALHO DOS SANTOS
Data: 21/12/2023 14:11:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Convidada:

Profa. Ma. Aline Teixeira

 Documento assinado digitalmente
ALINE DOS SANTOS TEIXEIRA
Data: 22/12/2023 08:44:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Convidada:

Profa. Ma. Mayara de Assis

 Documento assinado digitalmente
MAYARA SOUZA DE ASSIS
Data: 22/12/2023 17:55:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Data: 20/12/2023

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.” (Ângela Davis, 2017)

DEDICATÓRIA

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Dança (UFRJ) a todas as mulheres poderosas, em especial minha avó Clarice e minha mãe Vânia.

AGRADECIMENTOS

A espiritualidade por me acompanhar em todos os momentos e por não permitir que eu fugisse de mim e dos meus sonhos. A minha avó Clarice pelo seu otimismo, por acreditar em mim, e por sempre me incentivar enquanto mulher e artista. A minha mãe Vânia por ser o meu maior exemplo de feminilidade. A minha amiga de infância Julia por me lembrar que sou dançarina há muito tempo. A minha amiga Ana Carolina por ser meu apoio durante as crises. Aos meus amigos de curso e vida Bruno Alarcon e Bruna pela trajetória compartilhada dentro da Universidade. A minha Tia Santa, por mesmo em memória, ter sido potência para a construção desse trabalho. As *Minas* Gabriela Pereira, Rebecca Barboza, Amanda Souza, Camila Rocha, Jéssica Louzada, Mariana Ozi, Kath Miau, Victória Vilma, Heloisa Alvarenga e Juliana Vieira por acreditarem e por trazerem movimento ao bonde das rodadas. A Maria Alice Motta por toda a sua escuta e atenção. A Aline e Mayara Assis por aceitarem o convite de ser banca avaliadora e por dividirem suas opiniões. A Taisa Machado por ser a minha referência dentro da cena Funk carioca. A todas as mulheres de cor que abriram o caminho para que hoje eu pudesse estar onde estou.

RESUMO

Mina Rodada é uma performance sobre corpos femininos que dançam Funk e aborda as implicações sociais, estéticas e culturais. Busco com essa pesquisa em dança expressar um olhar acerca das vivências e experiências de mulheres negras e periféricas que, através de seus corpos, utilizam a dança como ferramenta de uso. E a partir disso, conquistar um espaço onde possamos compartilhar nossas falas e nossos sentimentos diante dos impactos causados pelo machismo e racismo diante da nossa sociedade. Mas, que também possa ser um espaço de celebração que nos permita expressar livremente nossa sensualidade, nossa alegria e nossa intimidade. Utilizamos do movimento do rebolado como via propulsora de empoderamento para a manutenção da nossa autoestima, da saúde física e mental. E também como possibilidade de fala, visibilidade e manutenção dos movimentos da dança Funk dentro da universidade. Dos caminhos percorridos pelas mulheres pretas periféricas, do ônus ao bônus de rodar e de se afirmar no mundo a partir de seu rebolado.

Palavras-chave: Mulher Negra. Dança. Funk. Empoderamento. Rebolado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. UM CORPO HISTÓRIA	10
2. A DANÇA DENTRO DA CULTURA FUNK	12
3. UM CORPO MINADO	14
4. ENTRE PROCESSOS – PROCESSOS DE CRIAÇÃO	15
4.1 PRIMEIRA MARCHA: foi dada a partida	15
4.1.2 SEGUNDA MARCHA: nasce a performance de Mina Rodada	18
4.2 Mostra Indisciplina	18
4.2.1 MARCHA RÉ: A continuação da pesquisa em meio a pandemia	20
4.2.2 TERCEIRA MARCHA: a formação do bonde	21
4.2.3 Teatro Cacilda Becker	23
4.2.4 Sesc Copacabana	23
4.2.5 QUARTA MARCHA Formação do segundo bonde	24
4.2.6 QUINTA MARCHA	27
5. Vídeodança: CENA 1 – GERAÇÃO 2000	28
5.1 Cena 2 – BOMBARDEIO	29
5.1.2 Cena 3 – PIRULITO	29
5.2 Cena 4 – PAPO DE LAJE	30
5.2.1 Cena 5 – PAPO RETO	31
5.2.2 Cena 6 – A BALA VAI COMER	32
5.2.3 Cena 7 – AS FAIXAS ROSAS	33
5.2.4 Cena 8 – EU VOU PRO BAILE	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I – Arquivo Pessoal.....	11
Figura II – “Bonde das Maravilhas”	13
Figura III – Arquivo Pessoal	19
Figura IV – Arquivo Pessoal	20
Figura V – Arquivo Pessoal	21
Figura VI – Residências Artísticas Ensaios Abertos Dança	22
Figura VII – Arquivo Pessoal	22
Figura VIII – Abril Pras Danças	23
Figura IX – Entre Dança O Corpo Negro	24
Figura X – Entreestudos Trânsitos entre produções acadêmicas	25
Figura XI – MC Carol de Niterói	25
Figura XII – Apresentação EstudeoFunk	28
Figura XIII – Geração 2000	29
Figura XIV – Bombardeio	30
Figura XV – Pirulito	30
Figura XVI – Papo de Laje	31
Figura XVII – Videoclipe Vai Malandra	31
Figura XVIII – Espetáculo Mina Rodada	35
Figura IXX – Apresentação Mina Rodada Salão Helenita UFRJ	35

1.UM CORPO HISTÓRIA

“Nossos passos vêm de longe” (WERNECK, 2001)

Partindo do interior de São Paulo atravessei algumas rodovias, passei por pedágios, estradas e cidades afora. Lugares nos quais eu não soubera ou quisera saber o nome, me interessava mesmo saber em quanto tempo eu chegaria ao meu destino. Entre as idas e vindas, da janela do ônibus pude ver minhas ideias antigas ficarem para trás; algo novo me aguardava. Durante a travessia percebia o quanto a sensação de me movimentar, do sentir meu corpo rodar, me agravada. O corpo rodado, rodando e me permitindo tocar, retirar toda má engrenagem que não me permitia em sair do lugar.

Meu nome completo é Jackeline Karen Caldas Gabriel Simões, para a carreira artista diminui para Jacki Karen, nasci em 1995 na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Sou filha da Vânia e neta da Clarice, as duas me criaram na zona leste da cidade. Minha avó é minha inspiração, mulher de garra, muito sábia, visionária, um pouco séria, posturada¹. Foi ela quem viu e instigou em mim, o meu potencial artístico. Minha mãe recebeu esse título aos 16 anos, ela é boa praça, libriana, tem riso frouxo, voz aguda, rolezeira² e funkeira. Ter sido criado em um lar matriarcal, fez com que eu me identificasse com o *feminino* desde muito cedo. O fato deu me reconhecer menina e saber que me tornaria mulher me agradava.

Aprendi que eu sempre soube que eu era mulher. Sou uma pessoa cis, sempre soube que era mulher, olhava pro meu peito, olhava pra minha buceta, olhava pra mim e falava: “Eu sou preta, minha mãe é preta, minha tia é preta, meu avô é preto. (Machado, 2020, p.14).

Ter minha mãe como exemplo de uma mulher negra, retinta, delicada e vaidosa, se contrapunha com o jeito da minha avó que era mais séria e simples, típico de uma mulher da roça. Foi com a minha mãe que lá nos anos 2000, tive o meu primeiro contato com o Funk. Na época eu tinha cinco anos de idade, minha mãe, vinte e um. Ela tinha o CD3 da Furação 2000 com todos os lançamentos de funk da época. Entre os artistas; Tati Quebra Barraco, Valesca Popozuda, Mc Serginho entre outros Mc ‘s que estavam bombando no momento.

¹ Relativo a realizar a ação de posturar, se colocar em posição, em pose, organizar a postura.

² Pessoa que gosta de fazer um rolê, que gosta de sair para passear.

³ Disco compacto par a armazenamento e leitura de informação em formato digital.

Figura I – Arquivo Pessoal



Fonte: Autora, 2022

Mesmo sem muito entender as letras das músicas, eu curti o ritmo, achava legal, era dançante, e só isso me importava. Porém eu lembro que ouvir Funk era como se tivesse fazendo algo errado, “proibido”, pois quando dava o horário da minha avó chegar em casa do trabalho, minha mãe diminuía o volume ou trocava o estilo de música. Nas festinhas de aniversário dos amigos de infância, que geralmente aconteciam nas garagens de casa, tenho a memória do quanto eu dançava. Do pagode do É o Tchan⁴, ao Funk tamborzão, e eu ficava horas dançando. Quando tocava o Bonde do Tigrão⁵ de imediato abria a rodinha com os amigos e então eu começava.

Quer dançar?

Quer dançar?

O Tigrão vai te ensinar

E de fato ensinou. Era quebradeira pura, eu não parava e me divertia muito. Essas são algumas das lembranças que tenho de como o Funk e a dança estavam presentes em minha vida desde a infância. Porém, na minha pré adolescência me distanciei do Funk, a dança até então permaneceu por meio de outras modalidades. Quando participei de um grupo de danças urbanas

⁴ Grupo musical de pagode baiano

⁵ Grupo musical de Funk carioca

me identifiquei com o dancehall⁶, com as danças de salto alto como stiletto⁷, as com mais movimentos de braços como *waking*⁸, vogue, as mais sensuais e de ritmo lento como, chair e pole dance⁹, e a mais Rebolativa¹⁰ de todas, o *twerk*¹¹. Estilos de música e danças da cultura norte americana, que têm como técnica principal o desenvolvimento da sensualidade e dos movimentos de quadril.

E por mais que eu me identificasse com esses estilos, eu percebia o quanto eram desvalorizados e banalizados pela maioria dos dançarinos homens, que faziam parte do mesmo grupo que eu. Quando rolava uma roda de improvisação de dança e as meninas entravam, os comentários eram machistas e de pouco prestígio comparado com a entrada dos meninos. Em um diálogo com os mesmos integrantes, chegamos a discutir sobre se o Funk poderia ser ou não considerado uma manifestação artística cultural brasileira. Como diz Taisa Machado “esse tipo de chacota e repressão num é novidade, desde o lundum, passando pelo samba, o tambor de crioula e o carimbo, todas as danças e as mulheres que dançavam eram chamadas de vulgar, de putas”. (Machado, 2020, p. 45)

2. A DANÇA DENTRO DA CULTURA FUNK

O funk chegou ao Brasil em meados da década de 70. O ritmo trazia a mistura de soul Music e R’N’B and blues, gêneros musicais populares da comunidade afro- americana. Os bailes aconteciam na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, no Canecão, localizado em Botafogo. Mas com o número crescente de público, que chegavam a fretar ônibus para irem até o evento, perderam espaço para a música popular brasileira (MPB), que estava em ascensão na época. A partir disso os bailes tomaram o subúrbio carioca, assim nascendo os bailes da pesada.

Junto ao crescimento do estilo musical, alguns grupos de dança foram formados e tiveram grande visibilidade a partir do Furação 2000¹². O Programa foi a principal responsável pela divulgação e popularização do gênero no Brasil. Além dos grupos como os Havaianos, e Os Magrinhos, as mulheres também eram representadas na cena. O Grupo Gaiola das Popozudas

⁶ Gênero musical e de dança popular jamaicano

⁷ Estilo de dança sensual dançado sobre salto alto

⁸ Estilo de dança marcante por movimentos rotacionais de braços, poses e ênfase na expressividade

⁹ Dança que utiliza como elemento poste ou barra vertical

¹⁰ Feminino de rebolativo; próprio de quem (se) rebola

¹¹ Estilo de dança em que grande parte dos movimentos se concentram nos quadris

¹² Programa de Tv, equipe de som, produtora e gravadora que produziu coletâneas e shows de Funk carioca

formado por Valesca Popozuda e suas dançarinas, traziam em suas músicas letras de músicas que

“Vou subir no palco ao som do tamborzão,

Sou cachorrone mesmo.

E late que eu vou passar

Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar”

(Compositores: Luis Cesar Santos Silva, Leandro Gomes de Castro – Agora eu sou solteira)

Em Niterói, 11 anos depois o segundo Bonde veio trazendo as maravilhas, um grupo de dançarinas que viralizou na internet com os vídeos de suas coreografias criativas, nos quais elas dançavam e reboavam. O Bonde das maravilhas formado por Thalia, Karol, Katlyn, Rafaela, Thaysa e Renatinha, causou um impacto no qual marcou uma geração de meninas que se sentiram representadas por verem outras meninas pretas e periféricas tendo sua ascensão por meio da dança e do Funk.

“O bonde das maravilhas é a nova sensação,

E pra começar chama Karol do popozão

Cola a bunda no chão vai, cola a bunda no chão vai

Cola a bunda no chão vai.”.

(Compositores: Diogo Rafael Siqueira/Thaysa Lopes de Souza

Letra de Aquecimento das Maravilhas Pop Funk Editora Prod.Mus. E Art. Ltda)

Figura II – “Bonde das maravilhas”



Fonte: Site G1.com, 2013

Em 2016 cheguei no Rio para estudar no curso de bacharelado em dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E dentro da Universidade, participei de alguns projetos de extensão, entre eles o LALIC (Laboratório de Linguagens do Corpo) coordenado pela professora Mariana Trotta, o Coletivo Urbano coordenado por Luis Silva e Aline Teixeira e o COMUNIDANÇA coordenado por Denise Sá e Frank Wilson. Contribui por dois anos no COMUNIDANÇA e fui a primeira professora mulher na modalidade de *hip-hop*, junto a mim estavam Gabri Pereira e Verônica Viera, três minas pretas a frente de um dos maiores projeto de extensão da universidade, chegando a ter em sala de aula, mais de cem alunos. E foi de suma importância esse feito, pois reafirmava para mim o quanto era significativo e empoderador trabalhar com mulheres, e ter essa temática como base de estudo.

Mas para além da graduação, eu também vivenciei as diversas experiências que a cidade dos cariocas poderiam me proporcionar. Eu estava no berço da origem do Funk, e ao frequentar as festas como as chopadas universitárias, os bailes de favelas, Pedra do sal ou na Lapa, o ritmo acelerado dominava o set de músicas. E ouvindo aquele som, sentindo aquela batida, despertou em mim aquela criança que dançava de forma livre e desprendida. Reacendeu em mim uma chama que havia se apagado, o meu quadril, já enrijecido, voltou a movimentar, a engrenagem voltou a circular, e a minha roda começou a rodar.

3. UM CORPO MINADO

Comecei a me questionar do porque eu havia me afastado do funk. O meu corpo continuou a dançar, com ritmos diferentes, com movimentos até similares, mas então por qual motivo esse gênero musical havia ganhado um apagamento em minha história? Cheguei a conclusão de que passei a enxergar o Funk e qualquer outro estilo de dança que rebolesse como algo vergonhoso, eu tentei me esconder, tentei reprimir um movimento e uma dança na qual meu corpo sentia desejo de se expressar como aponta Machado (2020, p. 34) que “mulheres rebolam, mulheres rebolam por muitos motivos, e o principal deles é que a gente gosta”. Uma dança que assim como a maioria das manifestações artísticas vindas da diáspora africana, como a capoeira por exemplo que um dia já chegou ser considerado crime no Brasil, com o Funk também ocorre a desvalorização e tentativa de criminalização.

Um outro fator importante para se colocar, é que além de ser uma cultura provinda de uma comunidade majoritariamente preta e periférica, um corpo feminino ao dançar Funk, se enquadra

na configuração estrutural do machismo que vivenciamos em nossa sociedade.

Assim como eu, a maioria das meninas negras durante a infância e pré-adolescência, sofremos os efeitos negativos do machismo ao sermos hipersexualizadas pela nossa cor, pelo formato de nossos corpos e pela discriminação social. A colonização e a tentativa de apagamento da história e das manifestações culturais e ancestrais, contribuem para que nós enquanto sociedade, vejamos problematizações em expressividades naturais pertencente ao povo negro e no corpo da mulher, assim destaca Grada Kilomba “no racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu”. (Kilomba, 2019, p. 78).

E a partir do momento em que não nos enquadrados nesse modelo que constituíram sobre o que é ser aceitável na sociedade patriarcal, ser mulher, negra, periférica, e que utiliza seu corpo e o rebolado para expressar-se de forma pertencente ao tempo e ao espaço no qual está inserida, chega a ser uma ofensa pessoal a todos aqueles que seguem as ideologias pregadas contra tudo isso. Como diz Bell Hooks:

Devemos compreender que a dominação patriarcal compartilha uma base ideológica com o racismo e outras formas de opressão de grupo, que não há esperança de que seja erradicada enquanto esses sistemas permanecerem intactos. (Hooks, 2019, p. 62).

Dialogar sobre os assuntos que nos enaltecem como o empoderamento feminino, sensualidade, liberdade de expressão e criação em arte, nos permite ter voz ativa sobre nossas lutas e direitos, utilizando-se da dança, como ferramenta para manutenção da autoestima, da saúde física e mental.

Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital de mulheres; daquela energia criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas. (Lorde, 1984, p.2).

4. ENTREPROCESSO – PROCESSOS DE CRIAÇÃO

A proposta deste trabalho foi de me unir a outras mulheres que se identifiquem com a cultura funk, que rebolam e que tenham a vivência de quem vive em periferias e comunidades na cidade do Rio de Janeiro. Que queiram dialogar e expressar opiniões sobre pautas que incluam temas como, Funk no Brasil, a objetificação do corpo negro, sensualidade, autoestima e empoderamento feminino. Tendo a intenção de adquirir consciência social sobre de quem somos, do local que habitamos e os espaços nos quais queremos alcançar.

Neste caso, trazendo uma performance de dança e teatro sobre a cultura periférica e o corpo da mulher negra para dentro da instituição acadêmica que é a Universidade Federal do Rio

de Janeiro (UFRJ). Realizando um trabalho performático que utiliza-se de ferramentas teóricas e práticas como coreografias, objetos cênicos, textos, e corpo movidos pelo ritmo do Funk compondo a cena.

4.1 PRIMEIRA MARCHA: foi dada a partida

A partir de um laboratório de pesquisa de movimento realizada na disciplina de Fundamentos da Coreografia II, ministrados pelo Docente Felipe Ribeiro e a Mestranda em Dança Carolina Nóbrega, a proposta de experimentação dada, foi que cada aluno levasse alguns objetos nos quais achassem interessante experimentar na criação de movimentos. Os objetos foram aleatoriamente espalhados pelo espaço de sala de aula, onde havia caixa de fósforos, desentupidor de pia, bambolê, chave de fenda, plumas, velas, pneu, lanterna, bexigas e outros itens nos quais proporcionaram diversas opções de experimentações.

Nesse dia, eu estava vestindo um sutiã com estampa de onça e uma calça larga de cor preta, estava me sentindo *sexy*, mas por alguns momentos também me julguei “vulgar”, senti vergonha do meu corpo exposto, e em um conflito comigo mesma, decidi aproveitar o laboratório para experimentar uma personagem de prostituta. As minhas movimentações passaram a sugerir gestos sexuais, e busquei uma afirmação que “se pareço uma puta, irei agir como tal”. O primeiro objeto que escolhi foi a lanterna, coloquei ela entre meus seios e friccionei com movimentos para cima e para baixo, tinha algumas bexigas de cor preta próximas também e as enchi, produzi alguns sons, e depois coloquei em frente ao peito simulando uns peitões. Os movimentos circulares tomaram conta de meu corpo, iniciei pela torácica, sucessivamente segui para a cervical, voltei ao peito, depois desci para o quadril e simultaneamente em looping, meu corpo criou um fluxo em que a forma circular e espiralar se protagonizou.

Pelo espaço segui até que me deparei com o pneu, e logo o associei com a cor preta das bexigas e dos outros elementos que eu havia trabalhado, passei a desenvolver uma reflexão acerca dessa cor, e também da utilidade de um pneu. Lembrei das inúmeras vezes que viajei e que sob algumas rodas e pneus fui transportada, tentei imaginar quantos quilômetros haviam sido percorridos, e que quando não servissem mais eram *imobilizados*, descartados em muitas vezes de forma irregular. Pneus que muitas vezes vi espalhados pela cidade, em alguns lugares até algumas tentativas de reaproveitamento em forma de canteiros e jardins onde os pneus usados são reutilizados como vasos de plantas, e que na minha perspectiva, me remetem a túmulos. Cheguei

a um momento de exaustão, pausei e fiquei a observar as experiências dos meus colegas de turma, e durante minha pausa senti como se meu corpo já tivesse tido seu tempo de uso, e *imobilizada* sob o pneu, finalizarei o experimento.

Após o laboratório, iniciei um exercício de análise e me questionei por quais motivos me identifiquei com um objeto descartado?! Meu pensamento se guiou para a estatística onde mais de 50% das vítimas de feminicídio no Rio de Janeiro e no Brasil são de mulheres negras¹³. Meu corpo negro se associou com aquele material descartável, cuja função é servir, um corpo que é objetificado e sugestivo ao descarte. Ao fazer essa associação, o sentimento de luto se fez presente. Pensei em morte, em finalização, em algo sem movimento, e não era isso que eu desejava expressar, eu não queria falar de dor apenas, eu queria ressignificá-la, eu apenas me permiti sentir.

Eu me torno menos disposta a aceitar desempoderamento, ou esses outros estados fornecidos de ser que não são nativos para mim, tais como resignação, desespero, autoaniquilamento, depressão, autonegação. (Lorde, 1984, p.3).

Ao dar continuidade com a pesquisa, um dos pontos que foi alterado foi o objeto, não me interessava trabalhar com o pneu que era pesado e mole, e mesmo que me trouxesse questões relevantes a serem aprofundadas, eu não queria ser como ele, eu não desejava ser descartável e imobilizada.

Meu desejo era de poder circular, de ter um movimento fluido, contínuo. Eu queria *Rodar*, e daí me veio a ideia da roda. De início pensei na roda de bicicleta, leve, fina e com aros, esteticamente delicada. Porém não me identifiquei em cena com ela, e então a ideia foi repensada. Pensei então na roda de carro, pesada como o pneu, porém com material mais rígido, esteticamente mais robusto, com firmeza, estabilidade, e com mais possibilidades de movimento, e essa foi a minha escolha.

Ao escolher trabalhar com a roda, pensei também em todos os arquétipos que esse objeto traria junto. O carro, é muito associado ao masculino, na infância os meninos são socializados com esse brinquedo, e quando adultos isso se torna um sonho de consumo. E na minha pré-adolescência quando eu assistia os vídeos dos rappers norte americanos, havia sempre carros, mulheres, dinheiro e joias. E eu sempre me questionava de o porquê das mulheres estar nesse lugar de objeto de consumo, de algo que poderia ser adquirido. Eu queria ressignificar esse

¹³ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/10/31/mulheres-negras-sao-maioria-entre-as-vitimas-de-feminicidio-no-rj-ano-passado-diz-isp.ghml>

incômodo em relação ao machismo e a dor causada pelo racismo. Eu quis ser a minha própria aquisição, eu queria estar sob esse controle, eu quis me *AutoMover*.

Decidi explorar mais os movimentos circulares que tinham se destacado em primeiro momento, escolhi trabalhar dando mais ênfase na região do quadril e com o rebolado, de imediato a referência do Funk surgiu, e chegou para fazer parte da pesquisa. Então eu tinha um corpo feminino negro, uma roda de carro e referências de movimentação do Funk.

4.1.2 SEGUNDA MARCHA: nasce a performance de Mina Rodada

Uma provocação que convida o espectador a refletir sobre o lugar da mulher desprendida de conceitos e de padrões julgados de modo pejorativo. Observadas como um fetiche não tão desejado, ela dança de forma *circunDADA*, identificada como Mina Rodada. Guiado por um objeto que se revela parte desses corpos, essa performance de dança dialoga com o Funk carioca e o corpo da mulher negra que utiliza-se do rebolado como ferramenta para o empoderamento feminino.

4.2 MOSTRA INDISCIPLINA (2019)

Idealizado pela professora do departamento de arte corporal Maria Alice Motta, a Mostra de INdisciplinas é um evento que promove aos alunos do curso de dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro a possibilidade de compartilharem seus trabalhos finais de disciplinas com outros estudantes do curso. Em 2019 fiz uma apresentação solo de Mina Rodada. Para essa apresentação eu fiz o recorte e colagem das músicas, escolhi um figurino e elemento cênico que foi a roda de carro. A performance havia dez minutos de duração, e após a apresentação, eu recebi alguns retornos vindos de outras *minas* que muito tinham se identificado com as pautas levantadas dentro da performance. Elas se sentiram pertencentes ao trabalho, falaram com certa intimidade, me deram vários apontamentos, me senti encorajada, e na necessidade de falar mais por mim e por todas elas. Conforme Bell Hooks, nossos corpos carregam uma história, trajetória e presentificam outros corpos e que ao manter um estado de coragem, o corpo se expande para o mundo e se projeta com total fortaleza.

Nós fazemos a história revolucionária, contando o passado como aprendemos na boca a boca, contando o presente como vemos, sabemos e sentimos em nossos corações e com nossas palavras. Ao manter esse espírito, me aproximo desses ensaios, palestras e comentários enraizando-os numa reflexão pessoal, pensando como feminista e pensando como negra. (Hooks, 2019, p.27).

Figura III - Arquivo Pessoal



Fonte: Luiz Eduardo “Dudu”, 2019

A segunda apresentação aconteceu em São Mateus no Espírito Santo. Foi minha primeira apresentação fora do Rio de Janeiro. O evento promovido pelo Belas Artes coordenado por Marcelo Oliveira e Camila Honório, aconteceu em uma academia de Cross fit¹⁴ na periferia da cidade. Junto a apresentação de Mina Rodada, houve também a performance do artista Marcelo na qual abordava sobre masculinidade e suas fragilidades. Ambas as apresentações dialogavam sobre questões de gênero e sobre os tabus associados pela sociedade. Nessa apresentação não recebi tantos retornos comparado a apresentação na Universidade, algo compreensivo, pois o público era diferente. Algo curioso e pessoal que aconteceu após essa apresentação, é que assim que cheguei na cidade, um amigo de uma amiga tinha se interessado por mim, e eu por ele. Tínhamos combinado de sair e fazer algo após a apresentação, porém o impacto das apresentações foram tão grandes, a ponto de ele ficar totalmente reflexivo sobre as performances, e de se questionar se seu interesse por mim, não havia sido motivado por uma hipersexualização da parte dele.

O encontro não aconteceu. De acordo com Grada Kilomba, “Historicamente mulheres negras têm tido essa função de serem corpos sexualizados e reprodutores de trabalhadoras” (Kilomba, 2019, p.141).

¹⁴Modalidade de treino que tem por base uma variedade de exercícios realizados com muita intensidade

Figura IV - Arquivo Pessoal



Fonte: Victor Monthay, 2022

4.2.1 MARCHA RÉ: A continuação da pesquisa em meio a pandemia

Ainda no calor das ultimas apresentação, nas quais me trouxeram reflexões e motivações para seguir com a pesquisa, em março de 2020 nos deparamos com a notícia da pandemia mundial causada pela covid-19. Mina Rodada havia recebido convites para futuras apresentações, e eu estava empolgada com os caminhos nos quais a performance estava seguindo.

Mina Rodada é uma pesquisa que surgiu através das ruas, do fluxo, seguida pelo batidão do Funk. Estar em casa, seguindo o isolamento social, eu não visava muitas possibilidades de avançar. Mina Rodada precisou parar, recuar, e eu considero esse momento como a marcha ré, pois foi necessário voltar, para que eu pudesse seguir.

Durante esse período eu voltei a morar em Ribeirão Preto e de lá segui os encontros online de orientação com a Maria Alice. O formato remoto foi a alternativa que tivemos para continuar os encontros, e nesse mesmo período, senti a grande necessidade de configurar a performance para algo coletivo. Eu havia iniciado de forma solo, mas visei a necessidade e a importância de ter outros corpos e outras narrativas junto comigo na pesquisa, eu entendi que Mina Rodada era plural, que falava por muitas e eu quis ter essas vozes juntos somando junto a mim. Através das telas convidei as minas para estarem juntas comigo nesse movimento de rodar. Nos encontros online estiveram comigo: Camila Rocha, Jéssica Louzada, Amanda Souza, Rebecca Barboza, Gabriela Pereira e Mayara Assis.

Nesses encontros compartilhei com elas as ideias de criação das cenas que eu havia feito

na versão solo. Cena por cena foi analisada, e fomos encontrando pontos em comum e também divergências. Compartilhei as referências em vídeo, fizemos laboratórios de escrita automática, dialogamos de como é ser mulher, e de que forma erámos afetadas dentro da cultura carioca e do Funk. Foi a partir desses encontros que me deparei com a potencialidade que era de ter mulheres juntas dialogando sobre assuntos que nos atravessava, e de que na maioria das vezes não eram casos isolados. Estar em grupo, junto a outras mulheres, me possibilitou a ter outras perspectiva acerca da pesquisa, que até então nesse momento crucial de pandemia mundial, eu acreditava que não seria mais possível seguir, mas seguimos...

Figura V - Arquivo Pessoal



Fonte: Camila Rocha, Jessica Louzada, Gabri Pereira, Rebecca Barboza e Jacki Karen, 2020.

4.2.2 TERCEIRA MARCHA: a formação do bonde

Em março de 2022, dois anos após a notícia da pandemia, eu voltei a morar no Rio de Janeiro. Voltei com o intuito de finalizar a minha graduação de forma presencial, e então apresentar a minha defesa prática. Assim que retornei, eu soube do edital da Arena Dicró que iria selecionar trabalhos artísticos de Dança, Teatro e Artes Visuais para uma mini residência. Mina Rodada foi aprovado, tivemos ao todo seis encontros, de forma presencial, pude me encontrar com as *minas* e então dar a arranque que precisava para que o trabalho em grupo se concretizasse. Participaram desse processo comigo, Gabriela Pereira, Rebecca e Amanda Souza. Nós quatro formamos o bonde das Rodadas. Recriamos a performance, e fizemos uma apresentação de 15 minutos em um ensaio aberto na Arena Dicró em abril de 2022.

Figura VI - Residências Artísticas Ensaios Abertos Dança



Fonte: Arena Dicro - Instagram, 2022

Figura VII - Arquivo Pessoal



Fonte: Rebecca Barboza, Amanda Souza, Gabri Pereira, Jacki Karen, 2022

4.2.3 Teatro Cacilda Becker (2022)

Recebi o convite para apresentar a performance em uma ocupação no Teatro Cacilda Becker fomentado pelo corpo docente do curso de Dança da UFRJ. Para essa apresentação as meninas não tinham disponibilidade de agenda, então apresentei um solo. O trabalho havia passado por alterações, tínhamos construído cenas em coletivo, havia falas que se desenvolviam em grupo, e foi desafiador apresentar o solo. Eu acredito ter dado conta do recado, segurei o barulho, mas senti falta das meninas em palco comigo. Com essa apresentação, só se confirmou o fato da importância e relevância de outros corpos femininos em cena expressando as suas pluralidades na composição de Mina Rodada.

Figura VIII - Abril Pras Danças



Fonte: Teatro Cacilda Becker, 2022

4.2.4 Sesc Copacabana (2022)

O evento tinha como pauta Artes Negras, e para essa apresentação conseguimos a disponibilidade de três intérpretes, Rebecca, Amanda e Jacki Karen. O Sesc nos proporcionou um espaço no qual havia recursos a serem explorados e um diferencial era de que o palco era de arena, circular, redondo. Foi um desafio, já que havíamos estruturado cenas no formato de palco italiano e tínhamos interação com o público. Outro fator era que a iluminação era bem completa, e precisamos passar o mapa para os iluminadores, quem me auxiliou nessa função foi a professora docente do curso de dança da UFRJ Mariana Trotta, a mesma havia me feito o convite para estar no evento juntamente Tatiana Damasceno.

Figura IX - Entre Dança O Corpo Negro



Fonte: SESC Copacabana, 2022

Figura X - Entreestudos Trânsitos entre produções acadêmicas



Fonte: SESC Copacabana, 2022

4.2.5 QUARTA MARCHA Formação do segundo bonde

As intérpretes que estavam na primeira formação do bonde, estavam em momentos ápices de suas carreiras, sem disponibilidade de tempo para continuar na pesquisa comigo, sem contar que eu não conseguiria pagar nem a passagem para que elas fossem aos encontros, então me deparei com o fato de que não conseguiria manter o elenco. Mas para seguir com o trabalho, eu gostaria de manter a ideia do coletivo, então surgiu a ideia de fazer uma chamada aberta, um convite para meninas, mulheres da pele negra que se identificavam com a cultura funk, a fazerem parte dessa nova etapa de trabalho.

Após a chamada eu recebi algumas mensagens no privado da página no Instagram do

projeto, algumas meninas com dúvidas, outras muito interessadas. No dia em que daríamos início aos encontros, cheguei no horário marcado, às 13:30h, porém não havia ninguém no lugar combinado. Eu afetada pelo orgulho, já estava trabalhando a ideia de que talvez eu teria que seguir só, e que isso não seria um problema, mas também não seria como eu havia idealizado. Passou-se 30 minutos e chegaram algumas meninas perguntando “*É aqui que vai acontecer Mina Rodada*”, - eu sorrindo respondi que sim. Eram cinco meninas, Mariana, Heloisa, Katlyn, Chrizaor e Vitória, elas haviam visto os cartazes que imprimi e coleí em alguns pontos de passagem na universidade.

Figura XI - MC Carol de Niterói



Fonte: Thiago Nunes, 2022

Nosso primeiro encontro foi um diálogo, passei a elas as minhas ideias, compartilhei o caminho percorrido por Mina Rodada, e que estava interessada por um novo elenco para seguir adiante. No encontro seguinte voltaram todas, menos uma, essa não se sentiu à vontade, acreditava que não se encaixaria na proposta sugerida e que adoraria acompanhar o projeto estando como expectadora.

Demos início aos nossos encontros com quatro intérpretes, revezávamos entre preparações corporais e laboratórios. Passei a elas o que eu havia desenvolvido com as outras meninas para a apresentação na Arena Dicró, e tivemos algumas técnicas para soltar o quadril e ensaios com coreografias. Fizemos laboratórios práticos de movimentos, pesquisando formas e ângulos de rebolado, durante esse processo, identificamos a aumento da auto estima, e tivemos muitos diálogos acerca disso, principalmente pelo fator biológico, pois nosso corpo libera

hormônios como endorfina e serotonina após a prática, e que nos faz ter a sensação de prazer. Em consonância com o que diz Taisa, “Mulheres rebolam, mulheres rebolam por muitos motivos, e o principal deles é que a gente gosta”. (Machado, Taisa, 2020 p.34)

Em muitos desses encontros nos afetavam para além do físico, nosso emocional estava em total conjuntura com o que estávamos dispostas a fazer, e esse fato fez eu refletir sobre a responsabilidade enquanto diretora, pois eu estando no lugar de provocadora, precisei entender e acolher algumas dessas afetações. Tivemos um ensaio no qual estávamos trabalhando a cena 6, cena na qual nós buscamos expressar nossa raiva de forma física, motivadas pelas informações acerca das violências emocionais, físicas e morais cometido contra nós mulheres, e do quanto sofremos por estarmos nessa posição. Nesse mesmo encontro, uma das intérpretes compartilhou sobre um ocorrido recente que havia a afetado.

O caso era de uma menina de sua cidade natal, havia apenas 12 anos, foi assassinada por seu estuprador no dia de seu aniversário¹⁵. A sensação que sentimos foi de impotência, não havia palavras que pudesse ser dita diante de uma notícia barbárie, em circulo nos recolhemos no silêncio, de cabeça baixa algumas lágrimas vieram à tona, a garganta ficou seca, o silêncio foi ensurdecedor, não havia justificativa que pudéssemos criar para nos confortar diante da situação. Alguns minutos se passaram e eu disse - nós precisamos reagir.

Foi o mesmo pensamento que tive no início da pesquisa, quando eu quis prosseguir, e optar por não escolher o caminho da dor. E eu acredito que a missão de Mina Rodada seja essa, a de buscar forças mesmo quando tentam nos impedir. Pois há séculos que a violência contra meninas e mulheres acontece, e cada vez mais, tentam retirar a nossa voz, a nossa potência, o nosso movimento e nossa vontade de agir. Com Mina Rodada eu desejo trabalhar com as ferramentas que temos, para que, o empoderamento seja a nossa válvula propulsora, para que tenhamos forças para agir e reagir a qualquer tentativa de opressão.

4.2.6 QUINTA MARCHA “EstudeoFunk”: Projeto de aceleração artística para funkeiros

Fazia dois meses que eu tinha voltado a morar no Rio após a pandemia. Voltei com o único objetivo de finalizar a graduação com a apresentação do espetáculo de “Mina Rodada”.

¹⁵ <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/07/a-mae-esta-dopada-nao-dormiu-a-noite-diz-tia-de-menina-de-12-anos-achada-morta.ghtml>

Depois que eu finalizasse, eu não tinha a certeza se continuaria morando no Rio ou não, eu não tinha perspectiva nenhuma, estava no escuro em relação a minha carreira e a minha vida. Até que vi a chamada que dizia: “Um projeto 100% dedicado aos novos talentos do funk carioca serão 50 selecionados para uma vivência única. O pessoal vai receber aulas de produção musical, dança e diversas oficinas, e conhecimentos que farão a diferença na carreira.”.

Vi ali uma oportunidade e uma perspectiva para seguir com meu trabalho. Fiquei extasiada com a ideia do projeto, com a chamada. E ter escolhido a cultura Funk como pesquisa e estilo de vida, poderia me trazer ótimas possibilidades.

O EstudeoFunk, projeto idealizado por Vanessa Damasco, Cris Vieira, com curadoria de Taisa Machado, fica localizado na Fundação Progresso, Lapa, no centro do Rio. Cada ciclo teria 50 artistas, entre eles Mc's, dançarinos e *beatmakers*¹⁶, tiveram a duração de dez semanas, ao todo foram três ciclos. Fui uma entre os 10 dançarinos selecionados para participarem do ciclo 1. A grade do projeto era de aulas regulares de segunda a quinta, das 18 às 22h, e as sexta-feira atendimento psicológico por um profissional que atendia os artistas da casa. Algumas aulas eram coletivas, como as de planejamento de carreira e marketing, outras já eram mais direcionadas a cada atividade. E nós da dança recebíamos alguns professores convidados que ensinavam aulas em modalidades diferentes. Tivemos aulas de dança afro com Aline Valentim, Vogue com Makayla Sabino, passinho com o grupo *Os Cria*, coreografia com Aline Maia, Bregafunk com Maria Clara, e vários outros profissionais e artistas que contribuíram com o projeto.

Durante a imersão no EstudeoFunk, eu estava elaborando a chamada aberta para iniciar os ensaios da defesa prática de *MINA RODADA*. Eu sabia o quanto o projeto iria contribuir com a minha pesquisa universitária, e vice e versa. O que de fato me atravessou de uma maneira não tão positiva, foi o fato de conciliar os ensaios no fundão e as aulas na Lapa. Conforme os ensaios ficavam mais intensos, porque se aproximava da data da apresentação, mais o projeto do estudeo acelerava também, pois estava para completar o ciclo. Então fiquei por semanas nesse ritmo mais acelerado, envolvida em dois espaços de estudo nos quais impulsionaria por demais a minha carreira.

¹⁶ Produtor musical que produz instrumentais com elementos percussivos a partir de uma melodia.

Figura XII– Apresentação no EstudeoFunk



Fonte: EstudeoFunk, 2022

Vídeodança: Cena 1 – Geração 2000

Traçando uma linha do tempo, eu quis iniciar a performance trazendo a referência da época mais marcante para a cultura Funk, os anos 2000. Nessa época o ritmo do *tamborzão* bombava nos palcos da Furação 2000. E então construímos uma primeira cena na qual todas as intérpretes estivessem dançando uma coreografia em bonde como se estivéssemos chegando no baile.

A performance das mulheres é um tipo de respostas aos atos de fala encenados pelos bondes. Como pretendo mostrar, mesmo que algumas jovens, na cena do mundo Funk, acionem performances na qual se posicionam como agentes no jogo da sedução e muitos bondes causem uma perturbação na “matriz heterossexual”.

Figura XIII – Geração 2000



Fonte: Luiz Eduardo “Dudu”, 2022

CENA 2: BOMBARDEIO

Nesta cena, eu quis trazer a sensação de um banho de água fria na excitação. Um rompimento, um alvo, um tiro. As meninas sentadas sob as rodas, formando um meio círculo, se apresentam com postura intimidadora.

Reproduzindo um olhar de julgamento, e em suas mãos simulando armas, rajadas de olhares e balas perdidas eram lançadas e direcionadas sobre a intérprete posicionada ao centro. Sensação metaforicamente representando, como nós mulheres nos sentimos ao dançar Funk e a expressar nossa sensualidade. Quem reproduz esses olhares, e atiram essas balas que sempre vão de encontro com um corpo negro, são de um grupo específico de pessoas nas quais exercem algum tipo de poder opressor.

Ao julgarem e recriminarem essa manifestação reafirmam a ideia de que quem rebola ou utiliza do corpo para alguma expressão, não possui inteligência intelectual. Segundo Taisa Machado, “Mostrar que nas formas descolonizadas de dança existe muita sabedoria, e as mulheres levam esse aprendizado para lugares que vão muito além da pista de dança”. (Machado, 2020, p.35).

Figura XIV – Bombardeio



Fonte: Victor Monthay, 2022

CENA 3: PIRULITO

Cena na qual todas as intérpretes posicionadas ao fundo do palco, com uma luz vermelha na qual realça as suas curvas, caminham com o pirulito em mãos e em pouca velocidade. Nessa cena busquei retratar a sensualidade e o erótico, quis que expressássemos sobre nossos desejos, prazeres, e libido. Assuntos que infelizmente é considerado tabu, ou quando dialogados cai no lugar da hipersexualização sofrido pelas mulheres negras. É

necessário passar por uma série de desconstruções e aceitações para que assuntos como esse possam ser debatidos, e principalmente representados em cena.

Figura XV – Pirulito



Fonte: Victor Monthay, 2022

CENA 4: PAPO DE LAJE

O hábito de tomar sol nas Lages é muito comum entre as mulheres nas favelas do Rio de Janeiro. A partir de 2016 ficou popular o uso do biquíni de fita isolante, que após o bronzeamento realça a marquinha, simbolizando uma estética carioca.

Na cena Papo de Laje há um diálogo entre as intérpretes, que sentadas em cadeiras de praia, falam sobre assuntos relacionados a relacionamentos, autoestima, e cura. Representar esse espaço, ultrapassa os conceitos da estética, pois ao compartilhar suas histórias, cria-se uma identificação e aproximação com outras mulheres com trajetórias parecidas, e isso se torna uma ferramenta para a manutenção da saúde física e mental. Em 2017 a cena do bronze na laje e o biquíni de fita se popularizaram a partir do videoclipe da cantora Anitta em *Vai Malandra*.

Figura XVI – Papo de Laje



Fonte: Luiz Eduardo “Dudu”, 2022

Figura XVII– Videoclipe “Vai Malandra”



Fonte: Google, 2017

CENA 5: PAPO RETO

Ao ler Bell Hooks em *Erguer a Voz*, em que ela diz: “Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz”. (Hooks, 2019, pág. 45), eu quis usufruir do meu poder de fala e trazer esse recurso juntamente à dança. Também estava muito influenciada pelo *Slam¹⁷ das Minas (RJ)* no qual eu havia presenciado recentemente. Eu quis inserir, eu senti necessidade de usar as palavras faladas. E com uma revolta interna, e um desejo imenso de fala, eu recitei:

¹⁷ Declamação de versos em espaços públicos, inspirados pelo rap.

Vou mandar um papo reto
Vou até apostar no dialeto
Tu acha mesmo que o mundo gira em torno do seu umbigo ?!
Chei de papo furado, parece até um menino
Menino HOMEM que foi criado, acostumado, e continua nesse mesmo embalo e achar que
Mulé tem que fazer aquilo que você quer
Ou até mesmo acha que esse espaço é pra eu falar sobre seus desejos e suas malícias
Tu aí, todo todo
Imaginando esse corpo “mulato” fazendo delícias...
Essa obra não é pra satisfazer o seu fetiche,
Esse corpo preto não é pra satisfazer o seu fetiche
E antes mesmo que eu me repite
Peço pra se colocar na minha situação
E entenda que aqui é sem tempo irmão
Então diz qual vai ser?
Passa logo La vizion

- Jacki, 2020

CENA 6 – A BALA VAI COMER

Cena referenciada pelos bailes Funk de corredores, muito comum nos anos 90 onde jovens se reuniam em um determinado horário do baile formando dois corredores denominados lado A e lado B e golpes de lutas eram lançados no objetivo de atingir o lado adversário. O sentimento de raiva sempre foi associado a pessoas negras, existem vários estigmas que reforçam a imagem do homem negro agressivo e o da mulher negra raivosa. Essa visão racista faz com que pessoas negras dificilmente expressem ou saiba a maneira ideal de conviver com os seus sentimentos de raiva. Como afirma Hooks: “Para mulheres de grupos oprimidos que tem reprimido tantos sentimentos- desespero, fúria, angústia, que não falam. Encontrar a voz é um ato de resistência.”. (Hooks, 2019 p.45).

E eu acredito que nos bailes de corredores, os jovens utilizavam desse momento para se expressar de forma física contra o seu oponente, que geralmente era de uma comunidade

diferente da sua. Essa dinâmica acontecia apenas no momento do baile, após isso, na pista, muitos seguiam os seus caminhos de volta para casa. Os bailes de corredores eram formados na sua maioria por homens, mas também havia os bondes de *minas* como o bonde das *Bad Girl*, e o bonde do *Faz Gostoso* entravam nessa disputa. Como diz Taisa: “Que artista é esse que se desenvolve na guerra?” (Machado, 2020 p.18).

Na cena, idealizo a mulher com força, uma força que parti de dentro, a partir de suas experiências. Centralizo o sentimento de raiva, que vem através das memórias, dos momentos em que nós passamos alguma situação que gerasse esse sentimento, e que no momento não pudemos expressar. Pois quando uma situação de abuso é sofrida, nós não agimos de forma imediata, ou da maneira que idealizaríamos. Não que a violência física seja a maneira ideal ou correta de agir, mas como diz Malcom X, “ Eu não chamo de violência de violência quando é autodefesa, eu chamo de inteligência”. (Little, 1960, p.113).

CENA 7: AS FAIXAS ROSAS

Faixa rosa é uma expressão usada para as meninas da nova geração do Funk. Essa expressão traz consigo uma identidade de meninas e mulheres fortes e independentes. Nas lutas marciais, as cores das faixas sinalizam a graduação em que o aluno está, tendo a faixa, de cor preta, possui aqueles que têm maior grau. Dentro da comunidade e nos bailes, o termo faixa preta é usado para falar de um cara que é *brabo* digno de respeito. Para usar a expressão no feminino, a cor rosa é a que simboliza as faixas. São consideradas *faixas rosas* as *minas* que são *braba*, sagaz, independente, autônomas. São referências pela sua estética, pela forma que se comportam e com quem se relacionam. Tamires Coutinho reitera:

Com a movimentação constante do ritmo musical, uma nova geração vem se consolidando no mundo funk: as faixa rosa. As mulheres dessa geração, que pode ser datada a partir de 2019, estão cada vez mais maduras e conscientes acerca da importância de suas manifestações. Resolvidas sexualmente, elas são independentes, tem atitude, trabalham, estudam, se divertem, se cuidam, tem seu próprio dinheiro e ostentam seus bens materiais. (Coutinho, 2020, p.36).

Na composição de cena, quis usar faixas que remetessem a modelos em concursos de beleza, tipo Miss Universo. Mas ao invés do nome do estado ou país, sugeri nome de artistas, mulheres negras que nos inspirasse. Nas faixas rosas trouxemos os nomes de: Valesca Popozuda, Elza Soares, Mc Drika, Tasha Okereke, Iza e Nikie. Com as faixas, desfilamos em passos lentos ao som do Funk paulista de Mc Drika, que tem como som base a batida de

berimbau. E com a música de nome “Como ce ta maravilhosa” da MC Drika.

CENA 8 – EU VOU PRO BAILE

Durante os bailes de favela, algumas músicas com bpm mais acelerado como 150 ou 170 bpm, o pessoal começa a dancinha, que são passos de dança que não precisa de uma técnica específica, é um movimento espontâneo, natural, onde geralmente se inicia pelos ombros e joelhos flexionados, movimentando de cima para baixo, permitindo que o corpo dialogue com o ritmo da música. A maior parte das pessoas que fazem a dancinha no baile não são profissionais da dança, são jovens que no ápice do baile, se manifesta de forma brincante e dançante com os amigos ali presentes. Outra referência usada para essa cena, foi à popularização das dancinhas, através das redes sociais como o *Tik Tok*.

Nessa cena final, a intenção era de que terminássemos na melhor forma dançando, festejando, agindo de uma forma descontraída para que a gente também contemplasse aquele momento especial que foi construir e finalizar a participação do espetáculo de “Mina Rodada”.

Figura XVIII– Espetáculo Mina Rodada



Fonte: Luiz Eduardo “Dudu”, 2022

No dia 05 de agosto de 2022 apresentei a defesa prática de Mina Rodada, no dia 15 de setembro de 2022 encerrava o ciclo do EstudeoFunk. E o que aconteceu depois disso, foi que entrei para o mercado de trabalho como dançarina de Funk, e diversos shows fui convidada a fazer. A MINA RODADA que surgiu nas ruas, adentrou as salas na universidade, e agora estava dançando nos palcos e nos maiores festivais do Rio de Janeiro.

Figura IXX– Apresentação Mina Rodada Salão Helenita - UFRJ



Fonte: Autora, 2022

Na imagem, está a minha tia avó Santa. Que em contraste ao seu nome, ia contra as idealizações impostos sobre ela. Em memória, foi muito bem representada como uma mulher à frente de seu tempo. Uma mulher que gostava de ficar nua em sua casa, e dessa maneira que ela foi fotografada nessa imagem, com correntes no pescoço, com os pés apoiados em uma bicicleta, e uma caixa de som nas mãos. Era temida por aqueles que viviam em sua volta, pois em qualquer ameaça, ela sabia como se defender, utilizava da violência física para isso, e dessa maneira conquistou respeito. É minha ancestral desencarnada, fazia aniversário no mesmo dia que eu, dia 19 de abril.

Tia Santa me inspirou pela sua coragem e autenticidade, ela era temida e respeitada, e não media esforços para se impor dentro da sociedade. E por esse motivo, escolhi que ela e essa imagem representassem a capa do meu trabalho. Pois certamente ela foi uma Mina Rodada.

Considerações Finais

A minha jornada dentro da Universidade representou uma evolução pessoal e um reconhecimento da importância da expressão através da arte. Possibilitando a identificação como parte integrante da sociedade e da cultura Funk. A Universidade permitiu que minha *roda* e a de outras *minas*, se expressassem a partir de seus gestos, movimentos e falas, se reafirmando através

do rebolado, no qual foi crucial para promover a autoafirmação e potencialização dessas mulheres.

O Funk proporcionou a representatividade de mulheres na dança, rompendo estereótipos e ampliando a diversidade, desafiando os padrões, e quebrando barreiras e normas em um ambiente historicamente dominado por homens. A dança Funk se tornou uma ferramenta poderosa para a transformação social e o para o empoderamento feminino, proporcionando a sua liberdade de expressão. E ao ocupar o espaço da universidade, essas mulheres representam a comunidade urbana e periférica do Rio de Janeiro.

E a intersecção desses espaços, uniu um coletivo de mulheres que resultou na performance de Mina Rodada, onde celebramos e criamos um ambiente acolhedor e de resistência, construindo um caminho e deixando um legado para todas as *minas* que quiserem, e desejarem rodar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Berth, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Hooks, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. 2^a. ed. São Paulo, Elefante, 2019.

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. 1^a.ed. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

Lopes, Adriana de Carvalho. **Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Mauad X - FAPERJ, 2008.

Lorde, Audre. **Use of the Erotic: The Erotic as Power. Sister outsider: essays and speeches**. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984, p. 53-59.).

Machado, Taisa. **Cabeças da periferia Taisa Machado: O afrofunk e a Ciência do Rebolado**. 1^a.ed. Rio de Janeiro. Cobogó, 2020.

Martins, Leda Maria: **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela** 1^a.ed. Rio de Janeiro. Cobogó, 202.

Sardenberg, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO:NEIM/UFBA**, Salvador, p. 5-10, 5 jun. 2006.

Sardenberg, Cecília M. B. **O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres**: Inclusão Social, Salvador, 2018.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

Sou feia, mas tô na Moda. Direção: Denise Garcia. Rio de Janeiro, 2005. Companhia Produtora: Canal Universal. DVD (60 min), funk carioca, colorido, som. Formato: Documentário.

Funk. Doc: Popular & Proibido. Direção: Luiz Bolognesi. São Paulo, 2022. Companhia Produtora: HBO MAX. DVD (6min30seg/episódios), funk carioca, colorido, som. Formato: Série



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS - EEDF
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
FICHA DO ORIENTADOR E AVALIADORAS

Título: **Mina Rodada: O empoderamento feminino através do rebolado.**
Autora: **Jackeline Karen Caldas Gabriel Simões**

PARTE I: TRABALHO ESCRITO

Item de avaliação	Pontuação	Avaliador
Normatização do trabalho: segundo a norma escolhida. Resumo e uso de descritores	05	05
Relevância do tema: atualidade do assunto, relevância para o curso de graduação em Bacharelado em Dança	10	10
Gramática/ Ortografia e Forma Redacional: sem erros gramaticais e ortográficos. Redação científica lógica, clara e objetiva.	10	10
Objetivos e Metodologia: bem definidos e claros, adequados e viáveis para execução.	15	15
Resultados, Discussão e Considerações Finais: coerentes aos objetivos propostos; conclusões dialogando com o referencial teórico adotado, apontamento de novos questionamentos e apontamentos para pesquisas futuras.	20	20
Implicações Éticas: comprometimento ético da estudante com as normas vigentes.	05	05
Referências: atualizadas e pertinentes ao assunto do TCC.	05	05
Nota final	70	70

PARTE 2: APRESENTAÇÃO ORAL

Item de avaliação	Pontuação	Avaliador
Tempo e uso de recursos: adequação ao tempo e uso de recursos audiovisuais	05	05
Conteúdo: Domínio do conteúdo e clareza na exposição de ideias	15	15
Arguição: desempenho frente a arguição do trabalho.	10	10
Nota Final:	30	30

PARTE 3: PROCESSO DE ORIENTAÇÃO

Processo de Orientação	Pontuação	Orientador
Cumprimento de prazos e atividades, empenho e assiduidade nas orientações, compromisso ético com orientador, envolvimento com o trabalho.	100	100
Nota Final		

NOTA FINAL:

Trabalho Escrito + Apresentação Oral	Processo de Orientação	Nota Final (100)
70	30	100

Rio de Janeiro, 20/12/2023.

Avaliadora: Professora Aline Teixeira

Avaliadora: Professora Mayara de Assis

Orientador: Professor Alexandre Carvalho dos Santos

Documento assinado digitalmente
gov.br ALINE DOS SANTOS TEIXEIRA
Data: 22/12/2023 08:44:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br MAYARA SOUZA DE ASSIS
Data: 22/12/2023 17:55:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br ALEXANDRE CARVALHO DOS SANTOS
Data: 21/12/2023 14:03:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>